

115.10 (10)

46

# DECLAMAÇÃO SAGRADA

NA RUINA DE LISBOA,

Causada pelo Terremoto do primeiro de Novembro  
de 1755, e pelo incendio, que se lhe seguiu.

DEDICADA

AO MUITO REVERENDO PADRE

D. ANTONIO CAETANO

DE SOUSA,

*Clerigo Regular Theatino, Qualificador do Santo Officio, Deputado da Bulla da Cruzada, Academico da Academia Real da Historia Portugueza, &c. &c.*

POR

JOAÕ ANTONIO BEZERRA E LIMA.

*Intende in adjutorium meum,  
Domine Deus salutis meæ.*

Psalm. 37, 23.



LISBOA,

Na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno.

M. DCC. LVII.

*Com as licenças necessarias.*

*Francisco Luiz Ameno*



67

MUITO REVERENDO PADRE  
D. ANTONIO CAETANO  
DE SOUSA.

**A** Primeira vez, que vi Lisboa depois  
do infausito dia primeiro de Novembro, em que  
quasi todos seus habitadores a desamparámos,  
A 2 fugin-

fugindo ( como se podessemos ) á Divina ira ;  
detive-me , reflectindo em sua transformação.  
Senti alguns affectos de piedade , que depois,  
recolbendo-me a esta quinta , determiney escre-  
ver. Embaraçava esta resolução o descommo-  
do , que naquelles primeiros dias , foy univer-  
sal a todos. A repetição dos tremores não con-  
sentia mais , que implorar a Misericordia de  
Deos por meyo de preces , confissoens , e peni-  
tencias ; e a falta das antigas habitaçoens , não  
permittia o descanso , em que deve estar quem  
escreve. Mas com effeito eu , insistindo no pro-  
jecto , porque era pio , concluí a idéa. Não  
queria fazella publica , porque achando me en-  
taõ com tres annos de estudos , ( ametade dos  
quaes gastey no da Grammatica Latina , que,  
sendo pelo methodo commum de decorar tantos  
preceitos , não me deixava livre para outra ap-  
plicação ) e desconfiando de meu pequeno talen-  
to , temia , que a primeira vez , em que deter-  
minava sabir a publico , fosse com a infelicida-  
de de não agradar. Isto me teve suspenso até  
agora , em que , persuadido de pessoas doutas ,  
resolvi fazer o que não faria sem taes appro-  
vaçoens : Mas não estou taõ contente de mim ,  
que me anime a apparecer no mundo sem pro-  
tecção. Não duvidava achalla sem sabir fóra  
desta Illustre , e Sabia Comunidade. O affec-  
to , que lhe professo , me estava persuadindo ,  
que a hum seu Religioso se deviaõ dirigir meus  
votos ; porém entre tantos todos dignos , esta-  
va indeterminado na eleição de hum. Com tu-  
da leveime de tal sorte nos merecimentos de  
V. P.

48

*V. P. M. R. que deixando-me esquecer dos mais, determiney offerecerlhe este pequeno, mas affectuoso sacrificio. Conhece o mundo em tantos, e tão admiraveis volumes, a agigantada esfera do talento de V. P. M. R., e, se eu for tão feliz, que alcance seu patrocino, quem se atreverá a offenderme? A' sombra de tão grande arvore de sciencia ficarey isento da jurisdicção da Critica.*

O assumpto desta obra he excitar o affecto da piedade, e por isso deve não só ser patrocinada da sabedoria para sua defesa; mas tambem de hum espirito pio, e devoto, que com o exemplo concorra para o seu fim. Oh quantos nos dá V. P. M. R. nas justificadas obras de sua vida! A idade provecta de oitenta e tres annos, em que se acha, e que fez mais cançada o laborioso estudo, a que dedicou todos seus dias, parece, o isentavaõ de algumas obrigaçoens, a que está sujeito hum Religioso; mas eu vejo, que V. P. M. R. excede o que se determina á mais robusta disposiçaõ. A multidaõ de Missas a que todos os dias assiste, a frequencia dos Sacramentos, o recitar indefectivamente o Officio Divino, (não obstante estar dispensado desta obrigaçaõ) e finalmente todos os actos, que se lhe vem obrar, que são huma continua Oraçaõ, assim mo persuadem.

Mas não he isto só o argumento da piedade de V. P. M. R. Huma resoluçaõ, pia, devota, e religiosa me dá fundamento para esta proposiçaõ. Logo depois do Terremoto com licença

24  
cência do seu Prelado se retirou V. P. M. R. obrigado das instancias de seus generosos parentes para a quinta da Ramada. Alli era tratado com a attençaõ, respeito, e grandeza, que se devem a tantos merecimentos; mas movido do amor, que tem á Religiaõ, de que he taõ benemerito filho, deixando todas estas commodidades, veyo logo ajuntarse com os seus Padres nesta quinta do Campo Grande, expondo-se religiosamente a soffrer os incommodos, em que estes estaõ por causa de sua pobreza pela amada companhia da sua Communidade. Aqui resignado na vontade de Deos pratica perfeitamente todas as virtudes, as quaes eu publicaria, se naõ soubesse, que he este hum assumpto, ao qual he mais difficil achar fim do que principio. Mas para que se conbeça, que estas minhas expressoens, longe de padecerem a vil paixãõ da lisonja, saõ filhas de huma verdade sincera, publicarey huma açãõ de V. P. M. R. que sendo vista de muitos espiritos devotos, e obrada em hum acto piedosissimo naõ admitte adulaçaõ, nem carece de testemunhas.

Querendo o M. R. P. D. Joseph de Carvalho, Preposito da Casa de Nossa Senhora da Divina Providencia, de que V. P. M. R. he filho, offerecer a Deos hum sacrificio, que concorresse para o fim de aplacar a sua ira, que taõ infelizmente experimentamos em o dia de todos os Santos, determinou fazer na vespera do de 56 huma Procissaõ de Preces com toda a sua Cõmunidade. Publicouse esta resoluçaõ alguns dias antes para ser sabida de todas as pessoas,

47

peſſoas ; que quizeſſem acompanhar acção taõ pio , e neceſſario. Foraõ innumeraveis as que concorreraõ com diversos generos de penitencias , e poſtas em ordem debaixo do Eſtandar-te do Calvario , que levava hum Religioſo , ſabio eſta devota comitiva da Ermida logo no principio da noite , reſpondendo com tristes , e penitentes vozes á Ladainha dos Santos , que entoavaõ dous Cantores , ſendo hum delles huma peſſoa Eccleſiaſtica da mayor Nobreza da Corte , ( cujo nome callo por cauſa da ſua mo-deſtia , ) que herdando dos Reys de Portugal , de quem he neto , a piedade , quiz , bindo deſcalço , e entoando , fazer a acção mais ſolemne. Seguia ſe depois de todo o povo , e dos Cantores a Communiidade deſcalça acompanhando huma Imagem de Chriſto crucificado , que levava o M. R. P. Prepoſito. O ſilencio da noite , que faziaõ mais triste as nuvens , que naquelle , e nos dias antecedentes tinhaõ lançado copioſiſſima chuva : a memoria do terrivel dia motivo deſta Prociffaõ : o alternado das vozes : e ſobre tudo o verem-ſe deſcalças pizando as muitas aguas , e lamas , que entaõ havia , peſſoas da primeira diſtinção , faziaõ eſte acção objecto triste de continuadas lagrimas , e laſtimosos ſuspiros. E que couſa podia entaõ haver , que edificaffe eſte devoto acompanhamento , que tanto edificava ? Agora o direy. Ao recolherſe a Prociffaõ depois de ter cercado o Campo , acharaõ os que deſcalços a acompanharaõ , alguns Padres , que para iſto ficaraõ , que com a mayor caridade com agua quente , e toalhas lhes lavavaõ ,

vavaõ, e alimpavaõ os pés na porta da Ermi-  
da, advertindo-lhes deste modo talvez, que deviaõ  
entrar puros, e limpos nos lugares, que faz  
sagrados a Divindade. Isto mesmo executou o  
M. R. Prelado, e todos os mais Padres que ti-  
nhaõ ido no Procissão; acção certamente, que  
augmentou as lagrimas, e conseguiu a admira-  
ção de todas aquellas almas penitentes. Esta  
cresceo indizivelmente, quando viraõ, que  
V. P. M. R. em idade taõ crescida, derraman-  
do sentidissimas lagrimas, encostado a hum  
bordaõ rompia com o mayor fervor por meyo  
de todo o pio ajuntamento a executar a mesma  
acção: o que conseguiu em quanto o preceito do  
Prelado o naõ obrigou a retirar-se, vendo que  
era trabalho superior a tanta idade. Obedeceo  
V. P. M. R. a pezar de toda sua devoção, mos-  
trando em taõ authorizadas lagrimas o senti-  
mento, com que o fazia. Oh, e como se augmen-  
taraõ estas, quando a eloquencia viva princi-  
piou a orar: quero dizer, quando o P. M. D.  
Thomaz de Bem subio ao pulpito. Alli se vio  
toda a Arte empenhada. As expressoens senti-  
dissimas, com que pintava as lastimosas scenas,  
que se representaraõ em Lisboa no primeiro  
de Novembro de 1755: a suavidade, com que  
induzia os animos a formarem imagens dis-  
tinctas de tanta calamidade: a efficacia, com  
que persuadia a abraçar as virtudes, e deixar  
os vicios: o profundo dos conceitos: o delicio-  
so da frase: o proprio das figuras: o natural  
da voz: o composto das acçoens: e finalmente  
todas as qualidades, que formaõ hum Ora-  
dor



30

dor dos daquella classe, que a inadvertencia chama Francezes, (e que na realidade só são imitadores dos grandes Padres Basilios, Chrysostomos, Cyprianos, e de todos os mais, que naquelles primeiros seculos da Igreja lhe serviaõ de luz, e columna, convertendo cada hum delles mais almas, do que todos os que sobem ao pulpito com a reprehensivel vaidade de mostrarem seu engenbo nas subtilizas inuteis, com que o auditorio sabe dos Templos, depois de os ouvir, da mesma sorte, que entrou) mostraraõ bem, que, assim como o sustento dos Theatinos corre por conta da Providencia Divina, do mesmo modo a sabedoria. Mas ainda que sey, que a eloquencia do Orador era capaz de fazer derramar os coraçõens desfeitos em lagrimas, como ouvi confessar a pessoas, que naturalmente não costumavaõ chorar, ouvindo muitos Sermoens, e que nesta occasiaõ não poderaõ evitar este affecto de sentimento: a que accrescento a sincera confissãõ, que faço, de não ouvir nunca iguaes sinaes de contriçaõ, porque todos os ouvintes clamavaõ, choravaõ, prostravaõ-se por terra, imploravaõ a Misericordia Divina, e se castigavaõ com o mayor rigor, parecendo, que queriaõ entregar as vidas nas mãos do pezar; (sendo nestes effeitos o presente dia o mais semelhante retrato daquelle, que nos representava) conheço tambem, que V. P. M. R. não só sentio todos estes affectos; mas com as innocentes obras, que pratica, os acredita.

Finalmente, quando o mundo não conhe-

B

cesse

cesse taõ distinctamente os sublimes merecimen-  
tos de V. P. M. R. bastava-me dizer para o fa-  
zer sciente de seu caracter, que he huma das  
columnas, em que se sustenta o Templo da Sa-  
bedoria: pois isto he a Casa de Nossa Senhora  
da Divina Providencia, onde em taõ pequeno  
numero de sujeitos (naõ sendo das mais antigas  
na fundação) se tem visto os homens mais dou-  
tos, de que Portugal tem sido berço venturoso.

Estes foraõ os motivos, que me persuadi-  
raõ a dedicar este primeiro parto de minha ap-  
plicação a V. P. M. R. a quem humildemente  
peço, se digne aceitallo debaixo de sua protec-  
ção: porque, supposto a obra naõ merece tal  
Mecenas, o Author pela submissão, com que  
o invoca, e pelo affecto com que venera suas  
grandes qualidades, he digno desta permissão.  
Deos guarde a V. P. M. R. para lustre do Rei-  
no, credito da Religiaõ Theatina, e patroci-  
nio de applicados.

De V. P. M. R.

O minimo Orador

João Antonio Bezerra e Lima.

DECLA.

# DECLAMAÇÃO SAGRADA.

**D**Esgraçada Lisboa, que foste machina, e es miseria! Elevavas-te soberba, cahiste infeliz. Quando te vi fazer alicerces na vaidade, logo previ teu estrago, pois esta, como vento, não podia sustentar tanta grandeza. Quando imaginaste, que seria a ruina castigo de tua vangloria? Mas não sabias, que subindo ao Ceo vapores tenues, e presumidos, encontraõ nas nuvens o precipicio? Taõ desfigurada estás, que te desconheço. Onde estão, Cidade, teus magnificos Templos, offertas, que a piedade de nossos Principes dedicou ao Omnipotente? Não eraõ estes os mesmos, em que com mais decencia, riqueza, e gravidade se tributavaõ a Deos os cultos em sacrificios puros, victimas sinceras, e holocaustos verdadeiros? Não tinhaõ sido empenhos dos Architectos mais peritos? Certamente eu me compadeço de os ver fragmentos aniquilados. Se principiaraõ, e existiraõ portentos, acabaraõ, e representaõ aos animos piedosos a tragedia mais lastimosa, para nos ensinarem talvez com seu exemplo, que anda junto o fragil com o magestoso. Digaõ o esses Monarcas, que dilatandose-lhe a vida na choupana

seu berço natural , encontraraõ no throno a per-  
 diçaõ : porque he mais forte o cajado , do que  
 o Sceptro. Onde estaõ tuas galarias soberbas ,  
 e Palacios sublimes fabricados de marmores , e  
 jaspes , ornados de pannos riquissimos , e de  
 pinturas excellentes ? Oh quanto differem do  
 que foraõ ! Saõ columnas partidas , estatuas  
 quebradas , pórticos cahidos , lastimas do tem-  
 po , o que foy Architectura vistosa. Onde ficaõ  
 tuas plausiveis ruas , pelas quaes rodavaõ , co-  
 mo em triumpho , teus habitadores vãos ? Que he  
 feito de tuas varandas sumptuosas , em que o en-  
 tendimento se recreava com a vista de differen-  
 tes objectos ? Onde guardas as galas , sedas ,  
 e veludos , que serviaõ de ostentaçaõ de tua  
 vangloria ? Em que cofres conservas as joyas ,  
 perolas , e diamantes , com que se ornavaõ tuas  
 Damas infelices ? Em fim onde estaõ todos teus  
 luxos , faustos , e grandezas ? Nada respondes ?  
 Certamente a mágoa te suspende as vozes : cer-  
 tamente a dor te prohibe as expressoens. Naõ  
 póde responder huma Cidade , que esteve nos  
 ultimos parocissimos , e ainda naõ tem sinaes de  
 convalescente , porque muitas vezes se vê acome-  
 tida da mesma enfermidade. Porém , se nada di-  
 zes , muito bem o explicaõ essas cinzas , e rui-  
 nas. Já sey , que foste objecto das iras sobera-  
 nas. Já sey , que em o fatal dia primeiro de  
 Novembro memoravel aos seculos futuros , e  
 digno de escreverse nos Fastos Portuguezes com  
 letras de fangue , experimentaste o furor do Se-  
 nhor dos Exercitos: *In ira Domini Exercituum*  
*contur:*

(3)  
*conturbata est terra.* (1) Tremeo a terra, e no breve espaço de oito minutos se vio prostrado tudo quanto as riquezas de teus Cidadãos tinhaõ levantado em os muitos annos de sua duraçaõ. O mesmo Terremoto, que te causou a ruina, te predisse o incendio, como diz David, (2) e no sentido de Isaías era consequencia infallivel: *Et erit populus quasi esca ignis.* (3) Ah que bem verificada Profecia! Quantos de teus miseraveis habitantes serviraõ de sustento ao fogo! Eu que fuy daquelles, que venturosamente escaparaõ; (oh se quizesse Deos, que lembrado de successo taõ infausto, de dia taõ infeliz, de ruina taõ lastimosa, e dos tristes objectos, que se me representaraõ para motivos efficazes da compunçaõ mais exemplar, nunca mais o offendesse!) sey, que houve muitos, que livres das ruinas; mas cercados sem dellas poderem sahir, acabaraõ abrazados. Dizey-o vós, ó pedras, que em tempo mais feliz compuzestes as paredes dos Santuarios: vós, que por Decreto inexcrutavel fostes sepulturas de muitas Imagens, que como thesouros inestimaveis, vos enriqueciaõ; dizey... mas não digais, pois temo, que me estale o coração, por vos ouvir proferir, que vistes algumas almas Religiosas, que cobrindo a cabeça com o capello, e fixando os olhos no Ceo, sentiraõ virse apropinquando o fogo para fer o instrumento mais cruel de suas mortes: e que ultimamente  
viraõ,

(1) *Isaías capitul. 9. vers. 19.* (2) *Psalmo 17. vers. 8, e 9.* (3) *No mesmo lugar, que acima.*

(4)

viraõ , (oh que afflicçaõ !) que principiavaõ seus corpos a consumir-se nas chammãs , porque vós com nunca vista crueldade , e só propria de vossa dureza , lhes impedistes os passos para a fugida ; mas não ao fogo para sacrilegamente vos violar , e ser executor de suas mortes , e do total estrago das Aras sagradas , e Simulacros venerandos , que em as Casas de Deos eraõ objectos da devoçaõ de animos catholicos , e pios. Nem pergunteis , ó Cidade desgraçada , porque causa o Creador Eterno permittio , que os Templos experimentassem hum tal estrago , tendo dito David , (4) que a suas casas não chegariaõ castigos : e porque , parece , que se permittio , que fosses tu arruinada , e entregue a hum incendio , porque estava irado contra teus habitadores , podia prostrar , e consumir teus Palacios , e edificios ; mas deixar livres os Templos , como dedicados a Elle mesmo , a Maria , e aos Santos , que ficaraõ despojados dos thronos , que a piedade Portugueza lhes tinha erigido : porque te responderá : *Naõ vês , que são taes as abominações de teus habitadores , que me obrigaõ a fugir de meus Altares ?*

(5) *Pois para que são Templos se Eu não hey de assistir nelles ?* Assim he , Senhor , nem era justo , que Vós estivesseis naquelles Templos , que talvez foraõ maculados com muitas culpas : aniquilem-se , pois , retiraivos para o Ceo , e saiba Lisboa , que todas vossas acçoens são justissimas.

(4) *Psalmo 90. vers. 10.* (5) *Ezechiell capitul. 7. vers. 6.*

(5)

simas. Cidade infeliz ! Quem te habita ? Saõ Genticos teus moradores ? Saõ Mouros ? Saõ Athêos ? Naõ. Saõ Catholicos ; mas taõ infelices , que chegaraõ com seus vicios a tal excesso , que naõ pôde tolerar mais a Bondade Summa. Assim o affirma Jeremias. (6) Vivias toda entregue aos vicios , gostos , e deleites , e por isso Deos te castigou , pois nenhum dos que te habitavamos cuidava com o coraçãõ em os seus preceitos. (7)

Agora fervirá de exemplo á vaidade do mundo nesse espectaculo lastimoso a que estás reduzida. Saberãõ as idades , que aquella Lisboa , patria de Heroes esclarecidos , que em letras , armas , e virtudes deixaraõ de seus nomes gloriosos eterna fama , dignos , de que as casas , que lhes serviraõ de berço , ficassem isentas dos estragos , e ruinas , que choras lastimada , para se conservar indelevel sua memoria : aquella Lisboa , de cujo porto tem sahido tantas vezes Armadas poderosas para castigo de rebeldes , conversaõ de Genticos , e soccorro de Catholicos , de que saõ testemunhas mudas , mas duraveis os mares do mundo , que muitas vezes viraõ suas aguas convertidas em sangue : aquella Lisboa theatro de triunfos Portuguezes , emporio das riquezas do mundo , e por isso hospicio de quasi todas as Naçoens : aquella Cidade , cuja origem verdadeira se duvída pela antiguidade , soberana dominadora dos Estados de Portugal ,  
e huma

(6) Capitul. 44. verso. 22. (7) O mesmo Profeta cap. 12. vers. 11.

(6)

e huma das mais magnificas de Europa : aquella em fim , que depositava em si o mais bello , rico, e magestoso, tambem encontrou hum eclypse de sua felicidade , ou hum desmayo de sua grandeza. E se se perguntasse a Deos com Jeremias, (8) porque causa te destruo , deixando-te como hum deserto? Responderia pelo mesmo Profeta, (9) que o motivo de teu castigo fora a pertinacia de teus habitadores, que deixaraõ sua Ley , e naõ quizeraõ ouvir sua palavra. E adverte, afflicta Cidade, que supposto experimentaste castigo taõ justo , como lamentavel , ainda debes entender catholicamente, que naõ foy igual a teus merecimentos , e que só foy hum final da ira Divina , para que com o justo temor de seus effeitos emendes teus delirios : se naõ cahirá da maõ do Soberano Arbitro do mundo o rayo da Justica , que confundirá esses poucos, e estragados edificios, que conservas , e aniquilará teu desgraçado povo. Isto mesmo te dizem, segundo parece, os repetidos tremores da terra, que continuamente sentes. Mas, ó Elemento bruto, naõ he texto exprello da Escritura Sagrada tua eterna persistencia? Pois como agora intentas inculcarnos duvidoso o mesmo, que confessamos infallivel? Responderás talvez , o que eu mesmo creyo, que te naõ mudaste ; mas que só facudiste o pezo da vaidade de Lisboa, que já te fazia curvar ; ou que tremeste temerosa, ou envergonhada

(8) Capitul. 9. vers. 12, e 13. (9) No mesmo lugar.



(7)

nhada de sustentares povo taõ rebelde aos preceitos suaves de seu Deos. Deste modo , Cidade , nada tem culpa em tua desgraça : tu mesma foste occasiaõ de tua ruina : *Perditio tua, Israel.* (10) De que te servio a opulencia , se com ella naõ podeste evitar o damno ? De que te valeo a admiracãõ ; com que as Naçoens estranhas viaõ tuas maravilhas , se com ellas naõ te foy possivel infundir respeito aos Elementos, para naõ se atreverem contra tua felicidade ; mas pelo contrario em taõ breve tempo abate-raõ tua soberba , deixando o que era delicia dos olhos , horror da vista : porque naõ ha quem vendo teu deploravel estado , e considerando em tua antiga magestade possa deter as lagrimas ; antes fica suspenso com o pismo, e só move a cabeça em demonstraçaõ de sentimento. (11)

Mas o peyor he , que experimentando huma tal calamidade , nem por isso vejo muitos sinaes de teu arrependimento. Eu fey , que o temor , em que te deixou o flagello , fez , que teus desvelados amantes , (12) isto he , aquelles vicios principaes , que te fizeraõ abominavel , e merecedora da ira Divina , te desamparassem. Eu te vi humilde , generosa , casta , pacifica , moderada , pia , devota , e compassiva , tendo-te visto hum minuto antes do castigo soberba , arrogante , avara , furiosa , lasciva , e destemida. Eu admirey o teu povo , o

C Sacer.

(10) *Oseas capitul. 13. vers. 9.* (11) *Jeremias cap. 18. vers. 16.* (12) *O mesmo capitul. 4. vers. 30.*

Sacerdote, o servo, o senhor, a escrava, a fenhora, o rico, o pobre, o devedor, e o credor todos confórmes na igual, e miseravel forte, em que se viaõ, (13) tendo antes transgredido as leys, mudado o direito, e dissipado a eterna alliança, que devias ter com o Senhor grata aos beneficios recebidos. Vi cessar o gof-to dos instrumentos, aquietarse o contentamento dos alegres, callarse a doçura da cythara. Em fim vi contrita, e arrependida a Cidade da iniquidade. Mas este ditoso estado, em que te deixou aquelle dia só nisto feliz, e que te podera constituir digna da piedade do Grande Creador, naõ foy permanente. Quando contempley teus habitantes assentados no chaõ, e cingidos de cilicios: quando vi as donzellas lançadas por terra palidas, e sem adornos, os Sacerdotes gemendo, os Prégadores manifestando tua iniquidade para te provocarem á penitencia, e finalmente desfalecidos os olhos com lagrimas, e em cada rua hum pranto, com que publicavas o sentimento de naõ haver quem fosse dignamente aos Templos, ás solemnidades; persuadia-me, que sempre te lembrarias dos dias de tua afflicçaõ; mas logo achey dentro de pouco tempo, que te lembravas só da perdiçaõ de tuas riquezas, para as lamentares, porque no fogo, e nos ladroens acharaõ duplicados inimigos, que se enriqueceraõ com teus despojos: fim, que a estes teus idolos adorados parece tinha vaticinado Michéas, (14) dando

(13) *Isaias capitul. 24.* (14) *Capitul. 1. vers. 7.*

(9)

dando por motivo de se abraçarem , e perderem os meynos pouco licitos , com que as adquiriste , aos quaes devia necessariamente corresponder semelhante sorte. Assim te fosse esquecendo do que devias lembrarte sempre; e te lembraste só do que devias esquecer eternamente: de sorte que , tirando forças de tua mesma ruina , vejo , que queres , que esta seja a desculpa de infinitos , e intolleraveis excessos , que commettes , servindo-te da triaga , como se fosse veneno. E se isto he agora , quando a repetição dos castigos te ameaça com continuos , e terriveis avisos ; que será , quando a piedosissima mão de Deos te soltar desta peçada cadeia , com que te prende os passos para mayores delictos ? Ah quanto temo , que se algum dia te vires taõ feliz como te viste , tornes a correr pelo caminho da iniquidade , fazendo-te merecedora do ultimo estrago ! Oh não faças tal , Cidade , se algum dia o fores , como já o foste. Imprime bem na memoria o estado , em que estavas antes desta desgraça , e o em que te achas agora , e lembra-te sempre , que , supposto venhas a ser o que foste , podes tornar a ser o que es.

Se , aplacado o furor Divino , deveres ao amor de nossos Principes teu restabelecimento , como me persuade o paternal affecto , com que sempre te tratarão , principalmente o nosso Fidelissimo Monarca , o Pio , Augusto , Invicto , Pay da Patria , Conservador da Paz , Optimo Principe D. Joseph I, ( cujo nome

he vaticinio feliz de teu futuro augmento ) não te esqueças , de que foste por teus excessos castigada , e que sendo antes huma Cidade cheia de povo , senhora de muitas gentes , Princeza de Provincias , ficaste solitaria , viuva , e desamparada , tendo só por companhia a calamidade , e afflicção , o estrago , e amargura. Lembra-te , que publicando teus edificios com sua soberba perspectiva a grandeza , que possuiaõ , ficaraõ de sorte , que quem os vio antes apenas lhes conhece o sitio , e os peregrinos só com os fragmentos , que se lhes mostraõ , he , que acreditaõ sua magnificencia ; porque nesse monte de ruinas domina huma tal confusaõ , que não deixa bem distinguir o soberbo do humilde. Lembra-te , que aquella Cidade , a quem Jonas (15) predisse o castigo , temeo tanto o aviso , que , para aplacar a ira Divina , provocada por seus habitadores , até em os animaes quiz mostrar seu arrependimento. Vestidos os velhos , e os meninos de sacco , e cilicio , ordenouse , que os animaes fizessem tambem penitencia , privando-os da agua , e do sustento. Lembra-te , pois , de Ninive , e imitando-a nos acertos , faze tambem penitencia , visto teres para isso mayor causa ; pois ella só teve aviso da ruina , e tu no estrago , que padeces , tens hum estimulo o mais forte para temeres mais terrivel destruição , continuando nos mesmos vicios que te causaraõ esta.

Faze , que teus habitadores contemplem  
o infeliz

O infeliz estado a que chegaste , porque estou certo , que se elles o contemplarem perfeitamente , se haõ de abster das culpas. Mostra-lhes extincta com hum instantaneo vento a luz das riquezas , que te faziaõ brilhante. Conheçaõ , que tuas Torres , e Palacios soberbos saõ marmores quebrabos , pilastres partidos , e gradarias despedaçadas. Vejaõ eclypsado o esplendor desses taõ poucos , como inuteis diamantes , que entre teus fragmentos se descobrem. Admirem as reliquias do ouro , e prata , que em tuas ruinas apparecem , naõ com aquellas persistentes , e agradaveis cores , que faziaõ precioso seu valor ; mas cobertas de ferrugem , e terra , que naõ deixaõ conhecer a sua especie. Respirem o insupportavel fétido dos miseraveis cadaveres , que em teus estragostem sepulturas tragicas , para que comprehendãõ bem a miseria humana. Em fim todas as vezes , que elles passarem por esses campos , ou desertos , em que foy Lisboa , faze , que se detenhaõ reflectindo nesse horror , nessa lastima , nessa miseria. E se por ventura vires , que elles o consideraõ attentos , brada-lhes , que acabando tantas grandezas , que apostavaõ duraçoens com a eternidade , naõ devem elles presumir em si isençaõ ás iras da inexoravel morte , porque , quebrando-se os marmores , prostrando-se os palacios , torres , estatuas , pyramides , colossos , e obeliscos , consumindo-se os bronzes , e diamantes , naõ póde o homem , sendo barro , entender que he eterno : pois , sendo semelhante

melhante á Fenix na transformaçãõ, ha de imital-  
 la em tornar a fer o pó, que foy; mas naõ em  
 possuir perpetua duraçãõ na vida. Prova lhes isto  
 com a morte de seus pays, parentes, e amigos,  
 a quem viraõ neste mundo gozando das mes-  
 mas, ou mayores forças, e celebraraõ já exe-  
 quias, ou com o soberbo dos tumulos, ou com  
 o piedoso das lagrimas. Insinua-lhes, que os  
 naõ eximem deste indispensavel tributo os Bas-  
 toens, as Mitras, as Purpuras, os Sceptros, os  
 Thronos, as Tiaras, nem os mundos avassal-  
 lados: porque, ainda que sejaõ Generaes,  
 Bispos, Cardeaes, Reys, Imperadores, Pon-  
 tifices, ou Senhores de toda a terra, como saõ  
 com effeito homens, haõ de finalmente mor-  
 rer, e apparecer em Juizo, como lhes diz o  
 Apostolo, (16) e mostra a memoria de tantos  
 Heroes, que representando no theatro do mun-  
 do a mayor grandeza, hoje, tendo sido objec-  
 tos da tyrannia da morte, só lembraõ seus no-  
 mes pelas acçoens, com que os fizeraõ immor-  
 taes. Continúa, que se a experiencia lhes mos-  
 tra, que haõ de morrer, e a Fé lhes ensina,  
 que haõ de ser julgados seus merecimentos,  
 tendo o premio, ou castigo, que merecerem,  
 considerem, quam aprasivel, glorioso, e ines-  
 timavel ha de aquelle ser, e quam horroroso,  
 terrivel, e insupportavel este. Pinta-lhes entãõ  
 as delicias do Ceo, e os horrores do inferno,  
 e adverte lhes, que ainda para o corpo he mais  
 facil,

[16) *Na Epistola escrita aos Hebreos. capitul. 9.*  
*vers. 7.*

(13)

facil , e suave fazer obras dignas de premio , do que commetter delictos mercedores de castigo : pois para conseguirem a gloria , só lhes he preciso observar os preceitos , que lhes manda Deos , cujo pezo he leve , e suave , (17) e para commetterem peccados haõ de necessariamente expôrse a perigos , soffrer desgostos , padecer trabalhos , e afflicçoens. (18) Conclue , que compadecidos de tua miseria , e movidos pela sua propria conveniencia deixem os vicios , e abracem as virtudes , para que a ti , e a elles naõ succedaõ mais tragicas desgraças , como lhes persuade Deos no Capitulo 5. do Evangelho de S. Joaõ (19)

Estes saõ , Cidade , os conselhos , que pôde darte hum coração lastimado com taõ tristes , e deploraveis successos. Agora Senhor Omnipotente , a alma angustiada , o espirito afflicto a Vós dirige suas palavras. Ouvi , Bom Deos , e compadeceivos : já que sois misericordioso , tende compaixãõ de nós , porque peccámos em vossa presença. (20) Lembraivos do lastimoso caso , que nos succedeo. Vêde , e contemplay nossa miseria. Faltou o gosto de nosso coração : mudou-se em tristeza nossa alegria , (21) porque Vós , Senhor , nos lançastes fóra de vosso amor , e nos destruiestes , mostrando juntamente vossa ira , pois nos castigastes , e vos-

sa

(17) S. Matth. cap. II. vers. 30. (18) Veja-se o 2. Discurso do 1. tomo do Theatro Critico do Padre Feijó. (19) vers. 13. (20) Baruch c. 3. vers. 1, e 2. (21) Oraçaõ de Jerem. vers. 1, e 15.

(14)

sa Misericordia , porque nos deixastes as vidas,  
para emendarmos nossos delirios. Fizestes tre-  
mer a terra com a perturbação mais terrivel.  
(22) Agora , Creador Excelso , Dominador So-  
berano , aplaque-se o furor , cesse o flagello ,  
ceda a Justiça á Misericordia : deixay cahir a  
espada : acabem-se as desordens , que temos ex-  
perimentado nos Astros , e Elementos : e final-  
mente aquiete-se a terra , que continuamente  
nos affusta com seus tremores. Tende compai-  
xaõ de nós , Senhor : tende compaixaõ de nós.  
(23)

(22) *Psalm. 59. vers. 1, e 2.* (23) *Hymno de San-  
to Ambrosio, e Agostinho Te Deum laudamus, vers. an-  
tepenultimo.*

F I M.

A LISBOA



A LISBOA ARRUINADA

SONETO.

**O**H quanto, Caminhante, bem reparas!  
 Como he justo tanto sentimento!  
 Porque vês eclipfado o luzimento  
 Da Cidade melhor entre as mais raras.

Aqui da dor movido attento paras,  
 E, reflectindo com o pensamento,  
 Vês em cinzas a mesma, que portento  
 Da grandeza, e do bello contemplaras.

A verte pois, que tanta magestade  
 Do Reino gloria, se do mundo espanto,  
 Em tempo breve foy aniquilada:

E colhe para ti esta verdade,  
 Que igual a Lisboa em estrago tanto,  
 Se agora es homem, logo serás nada.

# L I C E N Ç A S.

DO SANTO OFFICIO.

*Approvaçãõ do M. R. P. M. Fr. Joseph Malaquias, Qualificador do Santo Officio, &c.*

ILLUSTRISSIMOS SENHORES.

**O** Papel intitulado : *Declamaçãõ Sagrada na ruina de Lisboa*, não contém cousa alguma contra a Fé, e bons costumes, e eu a confidero digna da luz publica, não só pela materia de que he formada, digna sem duvida de hum Varaõ Apostolico, mas pela fórma, artificio, e elegancia, com que está disposta, que manifestaõ a seu Author bastantemente instruido nas flores da Eloquencia, e preceitos da Rethorica. Vossas Senhorias ordenaráõ o que forem servidos. S. Domingos de Lisboa aos 5 de Fevereiro de 1757.

*Fr. Joseph Malaquias.*

**V**sta a informaçãõ, póde-se imprimir o papel, de que se trata, e depois voltará conferido para se dar licença, que corra, sem a qual não correrá. Lisboa 8 de Fevereiro de 1757.

*Silva. Abreu. Trigozo. Silveiro Lobo.*

DO

59  
D O O R D I N A R I O.

*Approvaçãõ do M. R. P. M. Fr. Francisco Augusto, Religioso da Ordem de Nossa Senhora do Monte do Carmo, &c.*

EXCELLENT. E REVER. SENHOR.

**N** Este papel intitulado: *Declamação Sagrada*, não acho cousa, que encontre os Dogmas da Fé, pureza dos costumes, ou determinações Canonicas. Barraca de Nossa Senhora do Carmo em 22 de Abril de 1757.

*Fr. Francisco Augusto.*

**V** Esta a informação, póde imprimirse o papel, de que se trata, e depois voltará para se dar licença, que corra, sem a qual não correrá. Lisboa 23 de Abril de 1757.

*Costa.*

D O P A Ç O.

*Approvaçãõ do M. R. P. Manoel Monteiro da Congregaçãõ do Oratorio.*

S E N H O R.

**M** Anda-me Vossa Magestade, que veja o papel, que tem por titulo: *Declamação Sagrada*, composta por Joaõ Antonio Bezerra e Lima; e nelle não achei cousa alguma, que se opponha

opponha á Fé, e bons costumes, nem ás regalias do Reino; pelo que me parece se póde conceder ao seu Author a licença, que pede para o imprimir. Vossa Magestade mandará o que for servido. Lisboa Congregação do Oratorio no Real Hospicio de Nossa Senhora das Necessidades em 29 de Abril de 1757.

*Manoel Monteiro.*

**Q**ue se possa imprimir vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará á Mesa para se conferir, taxar, e dar licença, para que possa correr, sem a qual não correrá. Lisboa 4 de Mayo de 1757.

*Doutor Velho.*

*Fonseca.*

---

**P**o'de correr. Lisboa 2 de Setembro de 1757.

*Abreu. Silva. Trigozo. Silveiro Lobo.*

**P**o'de correr. Lisboa 6 de Setembro de 1757.

*D. J. A. de L.*

**Q**ue possa correr. Lisboa 12 de Setembro de 1757.

*Com tres Rubricas.*